

ATIVIDADES LÚDICAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA CRIANÇA

COSTA, Solange Mantanher Maciel e¹
GONÇALVES, Valdirene Polassi²
REIFUR, Silvania³
SILVA, Eliane Aparecida Rocha da⁴
SILVA, Elias do Nascimento⁵
SILVA, Marinete Miranda da⁶

RESUMO: Nosso grande desafio é ensinar nossos alunos de forma criativa, significativa e prazerosa. Precisamos resgatar a alegria de ensinar e de aprender. Devemos ensinar com alegria e prazer, porém, nós sabemos que não é uma tarefa fácil. As atividades lúdicas são bem divertidas, estimulantes e criativas, as quais são inseridas e integradas ao universo das crianças, conhecendo-as e estimulando seu crescimento global. As atividades lúdicas são consideradas atividades importantes na educação da criança no seu processo de construção de conhecimentos, uma vez que permite a ela o desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo, social e moral, promovendo a aprendizagem de conceitos e a aproximação de crianças com os adultos, além de colocá-las em contato com elas mesmas e com o mundo. Assim, a criança também desenvolve seu senso de companheirismo e procura aprender de forma prazerosa, ampliando assim o conhecimento.

Palavras-chave: Lúdico. Desenvolvimento. Afeto. Aprendizado.

1-INTRODUÇÃO

¹ [Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenadora Pedagógica na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. Especialista em Educação Interdisciplinar de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental com Ênfase em Educação Infantil pelo Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena - AJES. E-mail: solangecasacriador@hotmail.com](#)

² [Acadêmica do 8º semestre do Curso de Administração Pública da Universidade do Estado de Mato Aberta do Brasil Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. E-mail: valdirene155@hotmail.com](#)

³ [Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais. E-mail: silvanareifur@hotmail.com](#)

⁴ [Acadêmica do 3º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais E-mail: elianepsrocha@gmail.com](#)

⁵ [Pedagogo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Secretário Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-UNICID. E-mail: ninffeto@hotmail.com](#)

⁶ [Acadêmica do 3º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso. Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Morais E-mail: marinetymiranda@hotmail.com.](#)

Comprova-se cientificamente que a total participação da criança nas atividades lúdicas eleva o seu nível de interesse e enriquece e contribui para o seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, os educadores e auxiliares cumprem um papel fundamental nas instituições quando interagem com as crianças através de ações lúdicas ou se comunicam através de uma linguagem simbólica, estando disponíveis para brincar. Além das interações, a oferta, o uso e a exploração dos brinquedos também contribuem nessa aprendizagem da brincadeira.

A brincadeira como atividade social específica é vivida pelas crianças tendo como base um sistema de comunicação e interpretação do real, que vai sendo negociado pelo grupo de crianças que estão brincando. Mesmo sendo uma situação imaginária a brincadeira não pode dissociar suas regras da realidade (VYGOTSKY, 1987).

A unidade fundamental da brincadeira, que permite que ela aconteça, é o papel assumido pelas crianças. O papel revela sua natureza social, bem como possibilita o desenvolvimento das regras e da imaginação. A relação entre a imaginação e os papéis assumidos é muito importante para o ato de brincar, pois ao mesmo tempo em que a criança é livre na sua imaginação, ela tem que obedecer às regras sociais do papel assumido.

2- O ALCANCE METODOLOGICO DA LUDICIDADE

A brincadeira é então, uma atividade sociocultural, pois ela se origina nos valores e hábitos de um determinado grupo social, onde as crianças têm a liberdade de escolher com o quê e como elas querem brincar. Para brincar as crianças utilizam-se da imitação de situações conhecidas, de processos imaginativos e da estruturação de regras.

A brincadeira é, assim, um espaço de aprendizagem significativa para a criança tal como: A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e histórias. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância (SARMENTO & PINTO, 1997, p. 17),

A finalidade de trabalhar o lúdico como possibilidade na Educação Infantil é

importante que ela viva o presente com todos os seus direitos. Na busca da superação desta escola castradora e excludente, é fundamental que o educador considere toda a riqueza da cultura lúdica infantil, e todo repertório corporal que a criança traz consigo para a escola. (ARROYO, 1994).

É através do lúdico que a criança vive seu próprio corpo, se relaciona com o outro e o mundo ao seu redor. A utilização do lúdico na escola caracteriza-se com um recurso pedagógico riquíssimo na busca da valorização do movimento, das relações, solidariedade. O lúdico é uma necessidade humana e proporciona a integração com o ambiente onde vive, sendo considerado como meio de expressão e aprendizado. (BROUGÈRE, 2002).

(FRIEDMAN, 1996, p. 41) pondera que:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

As atividades lúdicas possibilitam a incorporação de valores, desenvolvimento cultural, assimilação de novos conhecimentos, desenvolvimento da sociabilidade e da criatividade. Por intermédio do lúdico, a criança encontra equilíbrio entre o imaginário e o real, oferece a oportunidade de desenvolvimento de maneira prazerosa. Quando olhamos para a criança escutamos seus raciocínios, ou observamos seus comportamentos, podemos notar que toda sua vida é iluminada pelo lúdico.

A atividade lúdica se caracteriza por uma articulação muito frouxa entre o fim e os meios. Isso não quer dizer que as crianças não tendam a um objetivo quando jogam e que não executem certos meios para atingí-lo, mas é freqüente que modifiquem seus objetivos durante o percurso para se adaptar a novos meios ou vice-versa [...], portanto, o jogo não é somente um meio de exploração, mas também de invenção (BRUNER, *apud* BROUGÈRE, 1998, p.193).

Para aumentar a complexidade do campo em questão, entre as atividades e materiais lúdicos, alguns são usualmente chamados de jogos, brinquedos, músicas e outros. Com relação ao jogo, Piaget (*apud* SOUZA, 2000) acredita que ele é essencial na vida da criança. De início tem-se o jogo de exercício que é aquele em

que a criança repete uma determinada situação por puro prazer, por ter apreciado seus efeitos. (PIAGET, 1976).

Em torno dos 2-3 e 5-6 anos nota-se a ocorrência dos jogos simbólicos, que satisfazem a necessidade da criança de não somente relembrar o mentalmente acontecido, mas de executar a representação. Em período posterior surgem os jogos de regras, que são transmitidos socialmente de criança para criança e por consequência vão aumentando de importância de acordo com o progresso do seu desenvolvimento social. Para Piaget, o jogo constitui-se em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que as crianças quando jogam assimilam e podem transformar a realidade. (PIAGET, 1976).

Já Vygotsky (apud SOUZA, 2000) diferentemente de Piaget, considera que o desenvolvimento ocorre ao longo da vida e que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo dela. Ele não estabelece fases para explicar o desenvolvimento como Piaget e para ele o sujeito não é ativo nem passivo: é interativo

Segundo o autor supracitado, a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso às informações: aprendem a regra do jogo, por exemplo, através dos outros e não como o resultado de um engajamento individual na solução de problemas. Desta maneira, aprende a regular seu comportamento pelas reações, quer elas pareçam agradáveis ou não.

Enquanto Vygotsky fala do faz-de-conta, Piaget fala do jogo simbólico, e pode-se dizer que são correspondentes: “O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na Criança”, lembrando que ele afirma que a aquisição do conhecimento se dá através das zonas de desenvolvimentos: a real e a proximal. A zona de desenvolvimento real é a do conhecimento já adquirido, é o que a pessoa traz consigo, já a proximal, só é atingida, de início, com o auxílio de outras pessoas mais “capazes”, que já tenham adquirido esse conhecimento. . (VYGOTSKY, 1987)

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. Na visão sócio-histórica de Vygotsky, a brincadeira, o jogo, é uma atividade específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Essa é uma atividade social, com contexto social e cultural.

Para Vygotsky (apud SOUZA, 2000), a brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é outra coisa senão a distância entre o

nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, o e nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto, ou de um companheiro mais capaz.

Vygotsky (apud SOUZA, 2000), classificou o brincar em algumas fases: durante a primeira fase a criança começa a se distanciar de seu primeiro meio social, representado pela mãe, começa a falar, andar e movimentar-se em volta das coisas. Nesta fase, o ambiente a alcança por meio do adulto e pode-se dizer que a fase estende-se até em torno dos sete anos. A segunda fase é caracterizada pela imitação, a criança copia os modelos dos adultos. A terceira fase é marcada pelas convenções que surgem de regras e convenções a elas associadas.

Vygotsky (apud SOUZA, 2000), ainda afirma que: “é enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança. É no brincar que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e por incentivos fornecidos por objetos externos”.

Para Vygotsky, o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar o que a criança aprendeu, mas sim o que ela está aprendendo. Em nossas práticas pedagógicas, sempre procuramos prever em que tal ou qual aprendizado poderá ser útil àquela criança, não somente no momento em que é ministrado, mas para além dele. É um processo de transformação constante na trajetória das crianças. As implicações desta relação entre ensino e aprendizagem para o ensino escolar estão no fato de que este ensino deve se concentrar no que a criança está aprendendo, e não no que já aprendeu. Vygotsky firma esta hipótese no seu conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). (CRECHE FIOCRUZ, 2004)

As brincadeiras que são oferecidas às crianças devem estar de acordo com a zona de desenvolvimento em que ela se encontra, desta forma, pode-se perceber a importância do professor conhecer a teoria de Vygotsky.

No processo da Educação infantil o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento. A desvalorização do movimento natural e espontâneo da criança em favor do conhecimento estruturado e formalizado ignora as dimensões educativas da brincadeira e do jogo como forma rica e poderosa de estimular a atividade construtiva da criança. É urgente e necessário que o professor procure ampliar cada vez mais as convívios da criança com o ambiente físico, com brinquedos,

brincadeiras e com outras atividades.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 1997.12).

O jogo, compreendido sob a ótica do brinquedo e da criatividade, deverá encontrar maior espaço para ser entendido como educação, na medida em que os professores compreenderem melhor toda sua capacidade potencial de contribuir para com o desenvolvimento da criança. Em estudos realizados sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, afirma que quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através das atividades lúdicas. (NEGRINE, 1994).

Segundo esse autor, é fundamental que os professores tenham conhecimento do saber que a criança construiu na interação com o ambiente familiar e sociocultural, para formular sua proposta pedagógica. Entendemos, a partir dos princípios aqui expostos, que o professor deverá contemplar a brincadeira como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando às manifestações corporais encontrarem significado pela ludicidade presente na relação que as crianças mantêm com o mundo.

3- O LÚDICO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Todo o trabalho lúdico, só será verdadeiro se o educador estiver apto para realizá-lo. Onde nada terá aproveitamento, se não houver o conhecimento da importância da educação lúdica. Sabemos que, para orientar essas crianças com um significado amplo, há necessidade de estudo e preparo do educador.

Essa geração de alunos só acredita no seu educador que sabe participar, ou seja, transformar suas aulas em trabalho lúdico (prazer e solidariedade), sem falar no relacionamento do educador com o aluno.

É com o trabalho lúdico que o educador desperta na criança o interesse e o gosto pelos estudos, buscando um total conhecimento. O educador, apesar do seu trabalho lúdico com as crianças de maneira prazerosa e com sucesso na

aprendizagem da criança, precisa ser coletivo e dinâmico; ser pesquisador, analista, questionador, avaliador das práticas pedagógicas; aplicar o lúdico de acordo com as tendências pedagógicas seu aluno; conhecer os estágios de desenvolvimento do aluno;- respeitar o limite de cada criança.

O educador deve ter segurança na sua maneira lúdica de trabalhar e, para isso, é preciso que busque alternativas variadas, pois quanto mais conhecimento o educador tiver, mais segurança terá na execução do seu trabalho lúdico. Sabemos que isso é um grande desafio, pois para trabalhar com a educação lúdica, o professor deve ser um especialista na arte de ensinar.

cidadãos e atuarem enquanto sujeitos da produção de conhecimento. E para que possam, mais do que “implantar” currículos ou “aplicar” propostas à realidade da creche/pré-escola em que atuam, efetivamente participar da sua concepção, construção e consolidação. (KRAMER apud MEC/SEF/COEDI, 1996, p. 19).

A Constituição de 1988 trouxe grandes avanços no tratamento de situações que se referem à criança e ao adolescente. Em relação às crianças com menos de sete anos, é a primeira vez que aparece um texto constitucional dizendo que o poder público deve oferecer condições para sua educação. A educação institucional de crianças dessa faixa etária é reconhecida constitucionalmente como um direito da criança desde o nascimento. Assim, o novo regime constitucional favorece o rompimento com os atendimentos anteriores oferecidos às crianças com menos de sete anos, marcados pela improvisação e pelo assistencialismo.

Então a Lei (A LDB 9394/96) é clara quanto à formação do educador de Educação Infantil :

Título VI – Dos profissionais da educação

Art. 61 – A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I – A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço: (...)

Art. 62 – A formação do docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Título IX – Das disposições transitórias

Art. 87 – É instituída a Década da Educação, a iniciar-se a partir da publicação desta Lei.

(...)

Par. 3º - Cada Município e, supletivamente, o Estado e a União, deverá:

(...)

III – Realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação à distância;

IV – (...)

Par. 4º - Até o fim da Década da Educação somente são admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

(...)

Art. 89 – As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino.

A constituição de 1988 traz os seguintes artigos:

Art. 206 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

(...)

IV – Atendimento em creches, e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

(...)

Art. 212 – A União aplicará, anualmente, nunca menos de 18% e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios 25%, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida e proveniente de transferência na manutenção e desenvolvimento do ensino.

Podemos dizer, mediante o teor destes artigos da lei, que pelo menos em nível do texto constitucional houve mudança bastante significativa, principalmente para as creches, que sempre estiveram vinculadas a áreas de assistência social e que agora passam à área da educação. A nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996, contempla a educação infantil quando prevê o direito da criança de 0 a 6 anos à educação.

Seção II – Da Educação Infantil

Art. 29 – A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, contemplando a ação da família e da comunidade.

Pensando em cumprir tais preceitos, o que significa um avanço para a educação infantil, propomos a reflexão de questões essenciais no cotidiano das creches e escolas infantis. Sabemos que há falta na qualificação de educadores infantis, talvez seja por isso que não está sendo trabalhado o lúdico na pré-escola, pois os profissionais qualificados apresentam outro tipo de visão lúdica.

Piaget citado por (WADSWORTH, 1984, p. 44), assevera que:

O jogo lúdico é formado por um conjunto linguístico que funciona dentro de um contexto social; possui um sistema de regras e se constitui de um objeto simbólico que designa também um fenômeno. Portanto, permite ao educando a identificação de um sistema de regras que permite uma estrutura sequencial que especifica a sua moralidade.

A má formação do professor de Educação Infantil e a inexperiência pode até causar problemas psicológicos nas crianças. O que deveria ser prazeroso acaba se tornando um tormento na vida educacional da criança. Essa perspectiva é dolorosa, mas verdadeira, pois não conseguem trabalhar o lúdico na proposta da Educação Infantil em que as crianças estão desenvolvendo, construindo e adquirindo conhecimento.

O caminho que parece possível implica em pensar a formação permanente dos profissionais que nessa área atuam. É preciso a inclusão da ludicidade nos cursos de formação do educador infantil se faz necessária, não só porque respalda teoricamente esses profissionais sobre toda a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras, enfim, do trabalho lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou sistematizar a importância do lúdico na Educação infantil, nas atividades lúdicas e formação-educação. Houve muita pesquisa bibliográfica, críticas entre pedagogos na formação e trabalho escolar.

O grande valor ao lúdico, na produção do conhecimento, dando prazer e gosto pela escola. Com esse trabalho pude comprovar que quando brinca, a criança se entrega totalmente sem medo de errar, sem fingimento, faz porque gosta, e se não gosta não faz. Se nós, educadores, nos deixar levar em alma e inocência da criança, possamos compreender o grande potencial que existe dentro destes pequeninos seres, mas não inacabamos e juntos caminhar para uma vida digna cheia de plenitude humana. O ser humano, em todas as fases de sua vida, está sempre descobrindo e aprendendo coisas novas, através do contato com seus semelhantes e do domínio sobre o meio em que vive.

O ser humano nasceu para aprender, para descobrir e apropriar-se de todos os conhecimentos, desde os mais simples (levar a colher à boca) até os mais complexos (solucionar problemas), e é isso que lhe garante a sobrevivência e a

integração na sociedade como ser participativo, crítico e criativo. A esse ato de busca, de troca, de interação, de apropriação é que damos o nome de educação. Esta não existe por si: é uma ação conjunta entre as pessoas que cooperam, comunicam-se e comungam do mesmo saber. Por isso, educar não é um ato ingênuo, indefinido, imprevisível, mas um ato histórico (tempo), cultural (valores), social (relação), psicológico (inteligente), afetivo e existencial (concreto), e, acima de tudo, político, pois, numa sociedade de classes, nenhuma ação é simplesmente neutra, sem consciência de seus propósitos.

A nós, educadores, cabe o compromisso de “garantir” a educação do aluno. Bem ou mal, fazemos parte da história de cada um, assim como ele também faz parte da nossa história. É essa consciência que deve nos dar forças para romper o preestabelecido, traçar caminhos que sejam capazes de modificar, transformar e garantir a maior participação possível.

Sabemos, contudo, que há muitas formas de transformação e libertação, e uma delas é nossa pequena contribuição à educação lúdica. A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. A educação lúdica é uma ação inerente na criança, adolescente, jovem e adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações constantes com o pensamento coletivo.

Educar ludicamente tem uma significação muito profunda e está presente em todos os segmentos da vida. Por exemplo, uma criança que joga bolinha ou brinca de boneca com seus companheiros não está simplesmente brincando e se divertindo; está se desenvolvendo e operando inúmeras funções: da mesma forma uma mãe que acaricia e se entretém com a criança, um professor que se relaciona bem com seus alunos, ou mesmo um cientista que prepara prazerosamente uma tese ou teoria educa-se ludicamente, pois combina e integra a mobilização das relações funcionais ao prazer de interiorizar o conhecimento e a expressão de felicidade que se manifesta na interação com os semelhantes.

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica, técnicas e jogos pedagógicos**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- ARROYO. **O significado da infância. A Educação Infantil nos municípios, a BRASIL, MEC (1996). Leis e Decretos. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96**, de 4 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso 23 Jul 2016.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BROUGÈRE, G. **A criança e a cultura lúdica**. In: Kishimoto, T. M. [org]. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Editora Pioneira, 2002.
- BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos> Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CRECHE FIOCRUZ. **Projeto Político Pedagógico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- KISHIMOTO, Morchida Tizuko. **O Jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- KRAMER, Sonia. **Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas**. In: MEC/SEF/COEDI. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília-DF. 1994.
- NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto alegre: Propil, 1994.
- perspectiva educacional/** Simpósio de Educação Infantil, 1994, Brasília: MEC/SEF/DPEI/COED
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga, 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- PIAGET, Jean. **Pedagogia e Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro Forence Universitária: 2004.

- PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SARMENTO, Manuel Jacinto y PINTO, Manuel (1997): **As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo**. En PINTO, M. y SARMENTO, M. J. (Coords.): **As crianças: Contextos e identidades** (pp. 9-30). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- SOUZA, Maria do Rosário Silva. **A importância do lúdico no desenvolvimento da criança**. Campinas: São Paulo, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. (1987) **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone
- WADSWORTH, Barry. **Jean Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. São Paulo, Pioneira, 1984.